

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulan & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Allemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARY — I Movimento espiritual do Brazil em 1888. pelo Dr. Silvio Romero. — II Os Quinze dias, por Nereu — III Resenha Politica e administrativa, por Hypolito. — IV Divisão administrativa do Brazil. — V A instrução secundaria no Chile. — VI O Diccionario Grammatical de João Ribeiro por Araripo Junior — VII Bibliographia brazileira.

Movimento espiritual do Brazil no anno de 1888

(Retrospecto litterario e scientifico)

III

Eu já disse que impossivel era discutir, analysar aqui a poesia nacional contemporanea. Limitei-me a indicar alguns symptomas geraes, entre outros, a antinomia existente entre ella e o romance; uma descambando para o idealismo puro e elevado, o outro entranhando-se pelo realismo sordido.

Ambos não podem ser verdadeiros. Digo que ambos são falsos no seu exaggero; o lyrismo é falso quando systematiza um mundo de innocencias, de canduras, de heroismos, de gentilezas, de dignidades, de ternuras, de delicadezas, uns sonhos azues de angelicas venturas, de nunca vistas blandicias, de nunca ideados devotamentos, afastando-se evidentemente das condições actuaes da sociedade, da vida nacional; o

romance é falso quando systematiza um mundo de vicios de toda a casta, de todas as formas e feitios, a devassidão, a crapula, a sordidez, a deshonra, a calumnia, a mentira, a corrupção humana em toda a sua hediondez. São duas systematicas contradictorias, a da virtude e a do vicio, não correspondem á realidade positiva. Poetas e romancistas obedecem a um *canon* pre-determinado; e, como toda a obra d'arte é um organismo que, partindo de um elemento inicial, evolue por sua conta, ampliando, exaggerando a primitiva tendencia, o resultado é poetas e romancistas chegarem afinal a crêações phantasticas, ermas de verdade, alheias do meio em que realmente nos move nos.

Nosso lyrismo é, todavia, superior a nosso romance naturalista, e devemos cultivar-o vastamente. E' bastante corregil-o, fortalecel-o, amplial-o.

Bem como os allemães, depois da debandada colossal de sua metaphysica, disseram que — *voltar a Kant era progredir*, pôde e deve a critica proclamar que em nossa litteratura poetica — *voltar ao lyrismo é progredir*. Façam-no os nossos

moços com toda a exuberância d'alma; porque é essa a forma artistica que lhes fica de molde, é aquella que rebenta espontanea e florescente do coração mavioso de nossa raça.

Não systematisem mundos aereos, phantasticos, impossiveis; sintam e digam puramente o que sentirem.

De mais nada precisa a poesia para ser grande, para ser boa, para captivar todas as almas de eleição. Não fiquem no circulo, vasto é certo, mas não unico, da poesia individual; os poetas devem ser os cultores dos grandes ideiaes da patria e da humanidade. Aferir por esses ideiaes os impulsos do coração é abrir a fonte d'onde jorra a grande arte.

E' natural agora a passagem para o romance. O anno passado o naturalismo brasileiro, ainda tropego e estreiante, deu os seus primeiros passos.

A *Carne* de Julio Ribeiro, o *Athenau* de Raul Pompéa, o *Chromo* de Horacio de Carvalho, a *Hortencia* de Marques de Carvalho foram os principaes romances do anno. A elles deve-se juntar o *Homem* de Aluizio Azevedo, publicado nos ultimos mezes de 1887.

Tambem não vou dar agora a analyse, o estudo demorado de cada um d'estes livros e desenhar o perfil de cada uma d'essas individualidades.

Será trabalho opportunamente feito.

Fiquemos no geral, n'aquillo que constitue o laço commum á intuição do romance por estes escriptores.

A primeira nota que se impõe ao leitor insuspeito é o ar de proximo parentesco entre todos aquelles livros, excepto o *Athenau*. Dado o motivo inicial pelo *Homem*, os outros afinaram-se mais ou menos por elle. Os quatro romances são todos de heroínas e heroínas que se parecem bastante. *Lenita* é uma preciosa de truz, uma pedantesca moça, a quem a leitura e o estudo desorientado não poderam soffrear os impetos da carne e que prostituiu-se sofregamente com o primeiro macho que lhe appareceu e lhe dava lições; *Esther* é uma preciosa de peor especie, eivada de maluquice, que, apesar de suas excursões nos dominios da sciencia e da philosophia, enamorou-se loucamente por um gamenho visto uma só vez n'um baile. entrou a ensandecer pela visão de um chromo parecido com o rapaz, e mais tarde entregou-se impaciente ao medico que lhe enchera a cabeça

de fanfarrices pseudo-scientificas e por quem se apaixonara a seu turno; *Magdá* tambem era da familia das cultoras da meia-sciencia dos estudos indigestos; tomou-se de amores pelo rapaz que lhe servia de mestre, seu irmão sem que ella o soubesse.

Estas tres heroínas desmancham-se em sonhos estapafurdios, especialmente as duas ultimas. Resta *Hortencia*. Não era sabia como as outras; antes era uma pobre matuta rechonchuda e forte, boa candidata a mais de um homem...

A boa diaba, porém, de nervos equilibrados, tem um sonho horroroso, medonho, apocalyptico, só por ter ido a um hospital e conseguir lá um emprego!...

Si falta-lhe o elemento do preciosismo para aparentar-se ás outras, tem o elemento sonho para agarrar-se a ellas de unhas e dentes, e mais a facilidade alvar com que deixou-se deflorar por seu proprio irmão, que lhe fazia no caso o papel de mestre, não de sciencia, mas de cousas da rua e das macaquices e geringonças de um circo de cavallinhos.

Ha evidentemente nos quatro livros falta de invenção, que, tratando-se de romances naturalistas, quer dizer falta de observação directa, segura e pessoal.

Raúl Pompéa seguiu outro caminho, e, sem que seja isto razão para ciúmes, seu livro, como obra d'arte, como concepção e como estylo, é o mais forte dos cinco.

A razão creio estar no seguinte: o auctor do *Athenau* é o mais culto de seus pares no Brazil.

Não anda apenas a deglutir as migalhas da litteratura franceza. Provadamente estudioso, os classicos latinos e gregos não lhe mettem medo, os bons auctores inglezes e allemães fazem-lhe as delicias. Por isso não está elle preso ao naturalismo estreito e esteril da escola de Zola, cujos romances fazem na litteratura o mesmo papel dos livros de Letourneau, Le Bon, Lefèvre et reliqui no mundo da sciencia, o papel da mediocridade charlatanesca, enganadora e pretenciosa. Tenho medo que me attirem pedras, quero dizer descomposturas, mas já agora é preciso ser sincero e dizer toda a verdade. O naturalismo de Zola, especialmente como o entendem no Brazil, não é a ultima palavra em litteratura. Ao lado d'esse naturalismo, que se pode chamar a systematisação do mal, ha um naturalismo mais vasto, mais correcto, mais exacto, mais humano e mais

científico. Este conta apenas dous representantes no Brazil: Raúl Pompéa e Domicio Gama.

São muito mocos, começam apenas, não deram ainda toda a medida de sua capacidade; mas, ou eu me engano muito, ou este paiz tem n'elles dous escriptores de altura acima do commum. Os outros têm talento; mas esse talento não é tão maleavel, tão despreoccupado, tão insinuante, e tão alentado por bem dirigidos estudos.

Entretanto, Raúl e Domicio são hoje a minoria, representam a esquerda na lucta do naturalismo; os outros são em maior numero, mostraram o anno passado bastante vigor, e eu tenho a obrigação de expôr os motivos por que os não acompanho, preferindo os primeiros.

O zolismo puro, o zolismo extremado se me afigura em desaccôrdo com factos scientificos provados. Discutil-o, ainda que rapidamente, é discutir a intuição do romance adoptado recentemente no Brazil.

O maior feito espiritual do seculo actual foi mostrar a continuidade, a unidade de todos os factos, de todos os phenomenos que são o objecto da sciencia. Desappareceu assim a antiga insuperavel barreira entre as sciencias physicas e naturaes e as denominadas sciencias moraes.

A intuição monistica poudo acabar com essa dicotomia; mas acabou-a com a vida sensatez.

Na litteratura, que sempre se modifica quando a sciencia se renova, appareceu logicamente a ideia do naturalismo, isto é, de um modo de comprehender a sociedade semelhante aquelle porque se comprehendem os phenomenos naturaes. Mas d'aquelle grande feito da culura do seculo originou-se o que se póde chamar o grande erro de nosso tempo: a applicação errada e tumultuaria dos methodos e processos das sciencias inferiores ás sciencias superiores. D'ahi essas tentativas phantasiosas e perturbadoras de applicar processos da mathematica, ou da physica, ou da chimica, ou da biologia ao direito, á sciencia social, á economia politica, á critica litteraria, á esthetica, etc. Um cahos, um verdadeiro horror. Avalia-se bem quantas extravagancias essa mania na cabeça dos ignorantes não haveria de produzir. Emilio Zola foi d'esse numero. Sem estudos feitos, sem cultura scientifica, pegou da *Introducção ao estudo da physiologia experimental* de Claude Bernard e entendeu que tudo

aquillo era applicavel ao romance e inventou aquella patacoada do *Romance Experimental*, como si com a sociedade si podessem fazer experiencias!! O bom do romancista não viu que o proprio celebre medico francez distinguia perfeitamente o methodo de *experimentação* do methodo de *observação*. «Dá-se o nome de *observador*, diz elle, a quem applica os processos de investigações simples ou complexas ao estudo dos phenomenos que esse alguem não faz variar e que são recolhidos por consequente taes quaes a natureza os apresenta; dá-se o nome de *experimentador* a quem emprega os processos de investigações simples ou complexas para fazer variar ou modificar, n'um alvo qualquer, os phenomenos naturaes e os fazer apparecer em circumstancias ou condições nas quaes a natureza não os apresenta.»

Bem se vê que a humanidade, na marcha complicadissima de sua vida, poderá apenas ser objecto de observações locais e limitadissimas e jamais assumpto de *experimentações*... Foi, portanto, n'um injustificavel erro de methodo que Zola fundou toda sua theoria de romance e da arte em geral. Esse erro de methodo trouxe inconvenientes sem par e falseou toda a sua esthetica. E' conhecida sua celebre definição da arte: «um canto, um pedaço da *natureza* visto atravez de um temperamento.» Esta definição é errada. A *natureza* não tem arte; a arte é um producto da *cultura* humana.

Tenho impetos de corregir a formula e dizer: «a arte é um canto da *sociedade* visto atravez de um temperamento.»

A theoria de Zola fere o principio fundamental de ser a evolução, o desenvolvimento, o *fieri* perpetuo da humanidade o resultado justamente de uma lucta contra a estreiteza, contra a esterilidade da natureza; desconhece o combate da *cultura* contra a *natura*.

Tudo quanto de elevado e grandioso tem a humanidade produzido, é um resultado d'essa lucta, d'esse combate diuturno. A civilização é o coeficiente d'esse esforço. O homem *natural* é o homem das cavernas, o coevo do megatherio e do mammoth. O homem póde ser definido o animal que faz estatuas, musicas, edificios e poemas. E' o animal que faz livros.

A natureza não tem a menor ideia d'essas cousas; uma *arte natural* implica contradicção; arte e natureza são dous conceitos que se repellem.

Não é só isto: a theoria de Zola, o *naturalismo* consequente põe-se em desaccordo com principios exactos da esthetica e da critica. Fere, por exemplo, de frente o principio verdadeiro de Taine de que a arte não consiste na imitação exacta e completa dos factos e sim na das simples relações necessarias e entre estas a do caracter fundamental das cousas.

Ataca o principio de Gottschall de ser a obra d'arte alguma cousa de autonomo, que partindo dos factos reaes, desenvolve-se como um organismo independente.

Desconhece o axioma de Scherer de que realismo e idealismo não são duas doutrinas, dois systemas, dois modos de comprehender a arte; mas dois polos entre os quaes gira toda a concepção artistica da humanidade.

Insurge-se loucamente contra a verdade que se deve geralmente proclamar de que a synthese artistica, como a synthese scientifica e philosophica, não é objectiva nem subjectiva, como queriam os metaphysicos do materialismo e os metaphysicos do idealismo, mas uma synthese bilateral, o que importa dizer que não é só producto do mundo externo, sinão fundamentalmente do desenvolvimento mental do homem.

Repelle, finalmente, a sentença de Gustavo Freitag: «o romancista deve principalmente estudar o povo na sua actividade, no seu trabalho.»

Os naturalistas da escola franceza preferem estudar o povo na sua bandalheira! Simples questão de gosto. Mas é preciso convir que até na bandalheira a *natureza* tem muito pouco que ver; os refinamentos os encantamentos *artisticos* da crapula são um producto da *cultura*, da *civilização*.

A natureza! a natureza! sigamos a natureza! Saiam-se dahi com as suas ingenuidades; si tivéssemos ficado prezos ás agruras ou ás garras de *mamã natureza*, ainda hoje seríamos uns animaes hirsutos e bestiaes a chupar o tutano dos ossos do urso das cavernas e do elephante primitivo.

O leitor me fará a justiça de suppor que, si fosse preciso e opportuno, eu desenvolveria as theses, todas as theses que deixei indicadas contra o naturalismo francez e mostradoras de uma concepção mais larga, mais fecunda e scientifica da arte em geral e do romance em particular.

Essa errada concepção da arte e da litteratura oriunda de um erro inicial de me-

thodo, conta similares desparates na critica e nas sciencias sociaes. Não é um facto simples e para ser desprezado; é, ao contrario, o grande erro do seculo XIX, oriundo justamente de sua melhor qualidade, já o disse. —Discutiremos depois.

SYLVIO ROMÉRO.

Os quinze dias

Morreu o Barão de Cotegipe, um dos maiores vultos da nossa politica. O *Paiz* considera a morte do Barão de Cotegipe como um successo lamentoso, porém favoravel á victoria final da democracia.

Estou de accordo com o *Paiz*, excepto no epilogo do seu editorial quando *sauda* (sic) o *cadaver* do illustre morto.

Com 26.000 habitantes já o *Paiz* mette dialecto novo.

Melhor fez a *Gazeta* que inesperadamente publicou o retrato do glorioso estadista. Inesperadamente, diga nos; porque a *Gazeta* fez-nos sempre a ternura de um delicioso obsequio quando vae deitar gravura; previne de vespera qualquer escrupulo esthatico:—«Amanhã vae vinheta.»

E o povo, como as crianças, abre a bôca, mas previamente fecha os olhos.

A *Gazeta da Tarde* há poucos dias trouxe a noticia de que uma americana, Mme. Hirsch, «joven de 27 annos» deu á luz seis robustos filhinhos. A mesma *Gazeta* dez linhas adiante conclue: Mme. Hirsch «tem 31 annos.»

Parece á primeira vista haver contradicção, mas não a ha, de modo algum. Aquella folha sabe que as mulheres envelhecem tanto quanto mais parem.

Não quero aqui *augmentar* as *reclames* que diariamente se fazem aos peitoraes, aos xaropes e a outros agentes therapeuticos, graças aos quaes devemos nós todos mais ou menos a precaria vida.

Quem ha no Rio que não deva ao xarope a integridade ao menos de uma perna? Desai a que n'ó contestem.

O que, porém, de ha tempos me tem causado, sobre pasmo, uma cruel duvida é o annuncio com que de vez em quando a gente tropeça no noticiario da *Gazeta de Noticias*:

«O dr Carvalho garante a cura da tísica. Rua do Carmo 30».

Não conheço o illustre facultativo que é o Messias de mais de dez mil almas tuberculosas desta cidade neutra.

Fico pasmo, mas não duvido de que o dr. Carvalho *garanta a cura da tísica*.

Só uma duvida me compunge;

—Quem nos garante o dr. Carvalho?

* * *

As folhas diarias, com intuito excellente mas desordenado, introduziram ha pouco um novo methodo de obituario.

O obituario parecia, até ha pouco tempo, a forma mais rudimentar da jornalística. Quando queriam falar da mesquinhez intellectual de qualquer redactor, diziam: «Fulano é uma besta; é o encarregado de escrever o obituario.»

Pois o obituario hoje teve a sua *revanche* e exige por parte de seu redactor, senão variada livreria, ao menos o conhecimento acurado da carta do ABC.

Hoje os mortos que se enterram são classificados não pelas febres nem pelo figado que os atirou por terra, mas pelos nomes com que os salgaram na pia.

Se bem comprehendo a intenção dos illustrados redactores do obituario, penso que outra não é senão a de diminuir o terror publico diante da febre amarella.

Nota. *Contra o panico a ordem alfabetica.*

Muito bem.

Mas ahi vai engano e o povo não se illude facilmente. A um curioso conheço que fazia a estatística da febre amarella, e tomava as suas notações.

Dia 22. Febre amarella—45

O novo methodo escagallhou-lhe todo o trabalho e agora o nosso curioso limita-se singelamente a notar:

Dia 25. Souzas—124

Isto, em vez de diminuir o terror, augmenta-o.

Conheço um Souza que anda melancolico, roído pela mais profunda tristeza.

—Como vaes? digo-lhe ás vezes.

—Qual! d'esta vez não escapo. Os Souzas vão-se.

* * *

Boileau disse: *un sot...*

Já vejo que o leitor quer acabar a phrase: *...trouve toujours un plus sot*, etc... Pois, engana-se redondamente. Boileau disse

cousa melhor, ainda que pouco repetida: *un sot ouerre qu lque fois un bon avis*

Pedido o conselho da medicina brasileira sobre os meios de dar cabo da terrivel febre amarella, entre as medidas aconselhadas, um illustre e pouco pagão Hyppocrates notou que eram convenientes algumas preces e ladainhas, entoadas para acalmar as iras do Senhor Deus vingativo e forte.

Consultado um congresso de vigarios, não é de estranhar que, pelo sim pelo não, ahi se aconselhasse o sagrado oleo, sem desprezo, todavia, do Profano Unguento.

Do congraçamento das duas doutrinas, tirei edificante lição e a *Gazeta* deve aproveitá-la para modificar a excellente formula do Dr. Rego Cezar, nestes termos: «Acido arsenioso. Para tomar um milligrammo, meia hora antes de cada *creio em Deos padre*.

Da combinação d'aquelle acido com o *creio* não sei que caso chimico poderia observar-se; talvez d'ahi proviesse o *sal*, aquelle *sal* que fez a celebridade cesarea do deputado Zama.

* *

Fomos obsequiados com um bom livro de versos — *Peccados* — de Medeiros de Albuquerque.

O livro do joven poeta póde ser julgado quanto á philosophia que d'elle transpira e quanto á forma poetica.

Não discutimos a philosophia do auctor; achamol-a, sombria, lugubre, e constitue, quanto á nós, o seu *peccado* mortal. Um moço de vinte annos que já deseja o *Nirvana*, o aniquilamento universal, é um disparate só explicavel diante de um figado mal intencionado.

Quando o poeta escapa a essa funesta influencia do *pathos*, a sua psychologia anima-se vivida e brilhante.

Além do mais a sua bilis pessimista é como estas febres intermittente; quem quer o aniquilamento da especie não póde aconselhar o prazer carnal que é o unico meio de perpetual-a.

Medeiros de Albuquerque é, pois, um peccador vulgar, como nós todos; optimista devéras, amoroso, jovial por indole e apenas budhista por litteratice.

Quanto á forma poetica do seu livro, somos ou antes sou de escola diversa: o que me inhabilita para qualquer juizo.

Para mim, em arte não ha cousa peio do que o *natural*.

A arte é a cultura; a arte é justamente o polo opposto da natureza.

A naturalidade póde ser uma cousa preciosissima, mas nunca artistica.

Mas, esse criterio de apreciação é mal visto talvez por muitos dos nossos criticos e, por isso, deixo de deitar *sciencia nuova* a respeito dos peccados poeticos dos nossos conterraneos.

Demais, que lucraria com isso o talento invejavel de Medeiros de Albuquerque?

E, agora que estou no fim, por que não hei de allegar que ha falta de espaço?

NEREU.

Livros, etc.

Com o titulo *Cuore* (1) publicou Ed. de Amicis um livro magnifico que na Italia teve para logo cincoenta edições.

Cuore é um livro amenissimo, uma especie de *cahier* de creança, em que ficam registrados os pequenos successos da vida infantil, durante o periodo da escola primaria.

Pela natureza do assumpto bem se vê que foi escripto em estylo simples, como convinha á comprehensão dos seus pequenos leitores.

Não é nosso intuito fazer a critica de um trabalho já consagrado pela critica européa, como sendo no genero um verdadeiro *capo di lavoro* artistico e moral.

A noticia que damos é que o precioso livro acha-se traduzido para o portuguez e é de crer que nas nossas escolas encontre as mesmas sympathias que o popularisaram na Europa.

Recommenda-lo seria inutil se se tratasse de accentuar o valor do eminente litterato italiano, mas é um dever do bibliographo accusar a existencia em nossa lingua d'aquella purissima joia da nova Italia.

Devemos acrescentar que diversos trechos do *Coração* foram editados ha tempos pela *Gazeta de Noticias*, trechos que Ramalho Ortigão trouxe em manuscriptos na sua viagem ao Brazil e recommendara ao publico fluminense.

Agradecemos o exemplar que nos foi obsequiosamente remettido.

(1) Ed. Amicis—*Coração*, traducção portugueza, 1889. Vende-se na livraria Alves & C.

Rezenha Politica e Administrativa

O facto capital da quinzenna, que atira para os planos inferiores todas as occurrencias do co nego deste anno, é incontestavelmente o fallecimento do Barão de Cotegipe; politicamente falando, menos pela perda, aliás sentidissima do grande estadista em si, do que pela supressão do personagem insubstituivel no importante papel a que, por mais de um motivo, estava destinado a representar nas ultimas e commoventes scenas do segundo reinado.

Com razão á beira do tumulto que ia receber os despojos do chefe conservador, reputava uma notabilidade politica essa morte—uma verdadeira calamidade;—calamidade com effeito, pode ser ella considerada neste momento, para o partido conservador, para uma grande parte do paiz, e sobretudo para a monarchia.

A monarchia nelle tinha o mais firme e dedicado sustentaculo, do lado conservador: só elle seria capaz de obstar o desbarato das forças da grey, o—que inevitavelmente dar-se-ha no momento da peléja eleitoral, senão antes; só elle, na hora da retirada do poder, o que para o partido conservador está bem proximo, teria prestigio bastante para, senão congraçar, pelo menos manter a alliança entre os grupos dissidentes, tanto quanto fosse necessaria para que de todo senão esphacela-se o partido. E é justamente desse esphacelamento que mais deve temer a monarchia.

E' fora de toda a duvida que o gabinete 10 de Março, não representa o puro conservatorismo, e que um chefe como o Sr. Paulino de Souza, que jamais o acceitou como tal, não se congraçar com os seus representantes quando apeados do poder. Ora, o grupo que acompanha este chefe e que é composto em boa parte das mais salientes notabilidades do sul, não cruzará os braços, diante da ascensão do partido liberal, por culpa, senão por conchavo, daquelle gabinete. A *revanche* hade dar-se e a luta entre os dous grupos conservadores será mais renhida, do que entre o partido ascendente e o descendente.

Devidido um dos grupos necessariamente um delles se alliará aos liberaes; e o outro, ficará só?—Não por certo.—Qual o seu alliado? Os factos isolados que se tem dado, nas eleições provinciaes, municipaes, e até mesmo geraes para preenchimento de

vagas, estão indicando, e não é preciso muita perspicacia para se descobrir no partido republicano o aliado do grupo conservador dissidente.

Os extremos tocam-se, e é justamente dos representantes do puro conservadorismo que mais deve temer a monarchia. E razões de sobra tem esse grupo para não se manter fiel á instituição soberana porquanto foi esta a primeira a lhe faltar com o apoio, a romper os laços de alliança que sempre existio para garantia de ambas as partes.

Os governistas, que no periodo corrente são formados por individuos de todos os partidos, e esta é que é a verdade, sahidos das fileiras, conservadoras liberaes e republicanas, é que formam a guarda deffensiva do gabinete 10 de Março; os governistas não cessam de repetir que os despeitados e descontentes é que estão engrossando o partido republicano. E' isso mesmo, digo eu tambem, mas accrescento, que, nem por serem despeitados e descontentes deixarão de concorrer para o ganho da causa contra monarchica.

Que importará ao puro republicanismo vencer com esta ou com aquella alliança com tanto que vença? Porventura os partidos monarchicos, não tem, mais de uma vez, um vencido o outro, com o auxilio dos despeitados e descontentes? Como cahio o ministerio Dantas e assim preparou a ascensão do partido conservador? Não foi por meio de uma alliança de conservadores com liberaes despeitados e descontentes? E não são tambem neste momento conservadores, despeitados e descontentes, que estão auxiliando os liberaes a subir ao poder?

O processo é o mesmo e já muito usado, somente desta vez a alliança para a derribada de um e subida de outro partido monarchico, lançará em novo campo despeitados e descontentes de ambos, que decuplarão as forças do terceiro partido, que ainda o anno passado o Presidente do Conselho convidava a *crescer e a apparecer*, mas que á esta hora já deve estar vencido senão do seu crescimento pelo menos do seu apparecimento.

Que o partido republicano cada vez se vae mais fortalecendo e acertando com a orientação não ha duvidal-o, pois ainda agora bem o provou a eleição pelo 4º districto de S. Paulo.

Não annulou-se o partido republicano alliando-se ao liberal para dar a este ganho de causa, muito pelo contrario firmou uma doutrina, cuja pratica virá a ser fatal a monarchia. Desde que os republicanos tenham por norma exclusiva, combater passivamente os de cima auxiliando systematicamente os de baixo, a estabilidade dos partidos no poder se tornará impossivel, e a monarchia acabará por falta de meios governativos.

Mas tão adeantadas vão as ideias ultra democraticas, que creio não ser necessario ao partido republicano, lançar mão desse recurso como arma de guerra.

Os partidos monarchicos estão tão subdivididos, que por si mesmo se encarregarão de dilacerar-se mutuamente.

Não serão os republicanos quem terão de alliar-se aos partidos monarchicos para fazer triumphar o que estiver de baixo, como acaba do acontecer em S. Paulo, mas os grupos dissidentes, quer de um quer de outro partido, é que não tardarão auxiliar os republicanos para abrir-lhes as portas da representação nacional.

As futuras Camaras terão um grupo tão avultado de republicanos que nem ao Sr. João Alfredo, nem ao maior optimista monarchico, restará duvida do crescimento e apparecimento dos evolucionistas da politica brasileira.

O prologo que acaba de findar-se com a inesperada morte do Barão de Cotegipe, deixou bem acentuado o *enredo* do drama que vae dar-se.

A ascensão do partido liberal, effectuar-se-ha logo depois da abertura das Camaras, e como o exemplo não é novo pois ao subir o partido conservador em 1885 pediu e obteve das Camaras liberaes as leis annuas, tambem poderão agora os liberaes fazer o mesmo pedido aos conservadores, e até conseguir dos actuaes governistas que a cousa se faça em breves termos, mediante a promessa de favorecimento nas subseqüentes eleições. O actual ministerio poderá mesmo ao passar o *balanco* arranjar com que se divida ao meio os lucros e perdas; e é com isso que contam alguns governistas, pois o essencial para muitos é serem reeleitos. Deste modo não ficarão perdidos os trabalhos feitos a bem dos amigos do actual governo.

Si a alliança, como suppõe e com bons fundamentos alguns entendidos na materia, se effectuar entre o ministerio ascendente

e o descendente, claro está que os dissidentes conservadores serão tratados sem dó nem piedade; e então não lhes restará outro caminho que não seja o do campo republicano, a menos que não prefiram annular-se.

No Pará a luta entre os padres do grupo Siqueira Mendes e o deputado Mac Dowell, não poderá ser decidida com proveito para o partido conservador, o mesmo se dará no Maranhão, entre o grupo Maia e Gomes de Castro.

Na Bahia é peor, o deputado Araujo Góes, já a esta hora talvez arrependido de haver accedido a presidencia de Pernambuco, vendo-se posto em segundo plano, e consequentemente preferido pelo Barão de Guahy, na escolha senatorial pela vaga do Barão de Cotegipe, não trepidará em formar o seu grupo e disputar a chefia que insidiosamente se procurará usurpar-lh'a.

No Rio de Janeiro, muito peor se é possível, pois de um lado firme em seu dosto permanecerá o Sr. conselheiro Paulino de Souza, e de outro manobrára jesuiticamente o triumvirato Ferreira Vianna, Andrade Figueira e Thomaz Coelho, que procura arrancar o bastão do commando a seu antigo protector, aninhando cada um delles no intimo a idéa de reservar para si exclusivamente o invejado despojo, que fingidamente apparentam disputar para o Sr. Andrade Figueira.

No meio de tantas e tão encontradas ambições e intestinas desintelligencias, só um chefe altamente prestigioso e dotado de excepcional talento, poderia salvar o partido conservador na hora do chamado *ostracismo*; esse chefe só o poderia ser o Barão de Cotegipe, mas esse, a morte acaba de arrebatá-lo á patria, que por mais este motivo, além de tantos outros, prantea-o desolada.

Quem o poderá substituir naquelle melindrosissimo papel?—Sem medo de errar respondo de prompto—ninguem. O proprio Sr. Paulino de Souza, que é o que mais se aproxima do Barão de Cotegipe, pela gentileza do seu espirito conciliador, não o póde substituir, porque primeiro que tudo é inconciliavel com o Sr. João Alfredo. E nisso, isempto de paixão partidaria, o reputo de mais puro quilate que o illustre morto; o chefe fluminense é d'aquelles de que n dizia Sá de Miranda—de antes quebrar que torcer—. Elle pre-

ferirá tudo a alliar-se áquelles que desde 10 de Março de 1888 tanto tem trabalhado para eliminá-lo do logar que conquistou com a maior probidade politica.

Por tudo isto é que eu disse, ao começar este artigo, que o fallecimento do Barão de Cotegipe assume neste momento o vulto de uma verdadeira calamidade politica. O seu desaparecimento da scena da vida, importa na suppressão de um dos principais papeis do drama que não tardará a desenvolver-se rapido e fatalmente; pois, por mais que procurem negar os optimistas, o scenario está preparado para alguma cousa de tragico para a monarchia.

Mas como quer que seja o venerando cidadão, que ha pouco desceu ao tumulo, ao transpor os humbraes da eternidade, lançando um olhar derradeiro á terra do seu berço, havia de sentir muito não ter feito por ella tudo quanto desejára.

Eu sou daquelles que estão certos que só ao meio acanhado em que viveu, ás mediocres aspirações de uma politica tacanha, ás ambições desmarcadas de correligionarios influentes de aldeia e ao espirito atrasado do imperador em materia administrativa, deve o Barão de Cotegipe as cadeias que o jungiram ao estreito espaço em que foi obrigado a debater-se. Mas, ainda assim, força é reconhecer, teve uma virtude civica a sobrepujar todas as outras—a do patriotismo,—e disso deu provas por mais de uma vez, sendo a principal dellas a que o levou a arrostar todo o resto da existencia com o odio e o sarcasmo das republicas visinhas só para manter os direitos e a dignidade do seu paiz.

Em um largo periodo de cincoenta annos, em um circulo tão acanhado como este nosso, seria exigir muito querer que um espirito sempre em luta aberta podesse satisfazer todas as aspirações nacionaes; mas guardadas as proporções de relatividade, conhecidos os meios de que elle pôde dispôr, comparada a marcha do seu espirito com a do progresso patrio, estudado bem de face o seu caracter—o Barão de Cotegipe foi um homem verdadeiramente illustre. A provincia da Bahia póde orgulhar-se de ter produzido as tres principais figuras da ultima phase do segundo reinado—Rio Branco, Zacharias e Cotegipe. Por mais rica que fosse uma nação de capacidades, não se desdenharia por certo de possuir essas tres.

HYPOLITO.

O movimento do « Gabinete Portuguez de Leitura » no decurso de 24 de Dezembro de 1888 a 31 de Janeiro ultimo, foi de 1574 volumes, sendo 826 sahidos e 748 entrados, a saber: em portuguez 1387, francez 176, inglez 1, hespanhol 8, allemão 2.

A bibliotheca foi frequentada por 363 leitores e 190 visitantes. Total de leitores neste decurso 1461.

O edificio tem sido visitado por cerca de 12.000 pessoas.

Desde 24 de Dezembro de 1835 até 30 de Abril de 1888 a Caixa da Amortização recebeu em notas do Thesouro para pôr em circulação 808.688:489\$000; sendo proveniente:

Do Thesouro Nacional....	45.881:430\$000
De Londres(da impressão)	321.807:059\$000
Dos Estados-Unidos (da impressão)	441.000:000\$000
	<u>808.688:489\$000</u>

Esta totalidade tem tido o seguinte destino;

Notas trocadas por moeda subsidiaria.....	1.500:000\$000
Notas queimadas.....	488.889:112\$750
Notas não apresentadas ao troco.....	4.326:667\$000
Notas existentes nos al-buns de repartições.....	39:240\$000

Existentes na Caixa :	493.257:019\$750
Assigna-	
das.....	31.144:346\$000
Por assi-	
gnar....	72.100:000\$000
Inutilisa-	
das para	
queimar.	23.325:860\$250
	<u>126.570:206\$250</u>

	619.827:226\$000
Em Circulação.....	188.861:263\$000
	<u>808.688:489\$000</u>

Nas notas queimadas estão comprehendidas as 29.730 perdidas no naufragio do vapor *Bahia* na importancia de 102:247\$000.

A importancia que por força da substituição tem revertido para os cofres publicos é de 5.105:820\$850, sendo de desconto 779:153\$850 e das não apresentadas ao troco 4.326:667\$000.

Divisão administrativa do Brazil

SYNOPSIS HISTORICA

O Brazil, como é geralmente sabido, divide-se em 20 provincias e subdivide-se em 330 cidades e 562 villas ou 892 municipios, e estes em 1886 parochias, segundo os dados officiaes, que de preferencia seguimos neste esboço. A distribuição dessas cidades, villas e parochias é a seguinte:

Provincias	Capitales	Cidades	Villas	Municipios	Parochias
1 Amazonas	Manáos	4	11	15	33
2 Pará	Belém	11	35	46	73
3 Maranhão	S. Luiz.	9	33	42	59
4 Piahy	Theresina	4	23	27	31
5 Ceará	Fortaleza	19	45	64	78
6 Rio G. do N.	Natal	9	18	27	30
7 Parahyba	Parahyba	8	23	31	43
8 Pernambuco	Recife	21	36	57	87
9 Alagoas	Maceió	7	20	27	34
10 Sergipe	S. Christovão	7	25	32	36
11 Bahia	S. Salvador	15	79	94	208
12 Espir. Santo	Victoria	3	12	15	29
13 R. de Janeiro	Nictheroy	18	18	36	134
M. Neutro	(C. do Brazil)	1	—	1	21
14 S. Paulo	S. Paulo	56	69	125	188
15 Paraná	Curitiba	9	17	26	37
16 S. Catharina	Desterro	6	13	19	51
17 Rio G. do Sul	P. Alegre	15	45	60	111
18 Minas Geraes	Ouro Preto	17	89	16	522
19 Goyaz	Goyaz	14	18	32	64
20 Matto Grosso	Cuyabá	5	5	10	17

I — PROVINCIA DO AMAZONAS

Cidades

1 — MANÁOS (capital da provincia)—Villa com a denominação de *Baria do Rio Negro* em 1790. Cidade por Lei provincial do Pará de 24 de Outubro de 1848.

Teve a denominação de Manáos por Lei provincial do Amazonas de 4 de Setembro de 1856.—Compõe-se de seis parochias:

- 1) N. S. da Conceição de Manáus creada em..... 1695
- 2) N. S. dos Remedios creada em.... 1873
- 3) Santo Angelo de Taupessassú creada em..... 1855
- 4) N. S. de Nazareth de Manacapurú creada em..... 1865
- 5) S. João de Ariman creada em.... 1873
- 6) N. S. de Nazareth da Bella Vista creada em..... 1879

2 — ITACOATIARA — Villa com a denominação de *Serpa* por Lei provincial de 10 de

Dezembro de 1857. Installada a 24 de Junho de 1858. Cidade por Lei provincial de 25 de Abril de 1874.— Compõe-se de uma parochia.

7) N. S. do Rozario de Itacoatiara creada em 1759

3—PARINTINS— Villa com a denominação da *Villa Bella da Imperatriz* por Lei provincial de 15 de Outubro de 1852. Installada a 14 de Março de 1853. *Cidade de Parintins* por Lei provincial de 30 de Outubro de 1880. Compõe-se de uma parochia:

8) N. S. do Carmo de Paratins creada em 1803

4—TEFFÉ— Villa de *Ega* em 1759 e cidade de *Teffé* por Lei provincial de 15 de Junho de 1855. Compõe-se de cinco parochias:

9) Santa Thereza de Teffé creada em 1759

10) N. S. do Guadalupe da Fonte-Bôa creada em 1759

11) S. Francisco Xavier de Tabatinga creada em 1766

12) S. Joaquim de Cayssara creada em 1878

13) S. Pedro de Tocantins creada em 1865

VILLAS

1—BARCELLOS— Villa em 6 de Maio de 1758. Compõe-se de quatro parochias:

14) N. S. da Conceição de Barcellos creada em 1758

15) N. S. do Rozario de Thomar creada em 1758

16) S. Gabriel creada em 1758

17) S. José de Marabitanas creada em 1758

2—BORBA— Villa por Lei provincial de 10 de Dezembro de 1857, supprimida por Lei de 3 de Outubro de 1866, restaurada por Lei de 4 de Julho de 1877 e reinstallada em 14 de Fevereiro de 1878. Compõe-se de duas parochias:

18) Santo Antonio de Borba creada em 1756

19) N. S. do Carmo de Canumã creada em 1802

3—COARI— Villa por Lei provincial de 1 de Maio de 1874 e instalada em 2 de Dezembro de 1875. Compõe-se de uma parochia:

20) N. S. da Conceição de Alvellos creada em 1744

4—CONCEIÇÃO—Ja era Villa em 1833 com a denominação de *Maués*, passou a denominar-se *Conceição* por Lei de 11 de Se-

tembro de 1865. Compõe-se de uma parochia:

21) N. S. da Conceição de Maués creada em 1800

5—CUDAJAZ— Villa por Lei provincial de 1 de Maio de 1874; installada em 5 de Agosto de 1875. Compõe-se de uma parochia:

22) N. S. da Graça de Cudajaz creada em 1868

6—LABRIA— Villa por Lei provincial de 14 de Maio de 1881; installada em 7 de Março de 1886. Compõe-se de duas parochias:

23) N. S. de Nazareth da Labria creada em 1873

24) Santo Antonio da Quicinhã creada em 1880

7—MANICORÉ— Villa por Lei provincial de 4 de Julho de 1877; installada em 15 de Maio de 1878. Compõe-se de duas parochias:

25) N. S. das Dores de Manicoré creada em 1859

26) S. Francisco do Rio de Madeira creada em 1885

8—MOURA— Villa por Lei provincial de 16 de Outubro de 1878 Compõe-se de tres parochias:

27) Santa Rita de Moura creada em.. 1758

28) N. S. do Carmo do Rio Branco creada em 1858

29) Santo Alberto do Carvoeiro creada em 1878

9—OLIVENÇA— Villa por Lei provincial de 31 de Maio de 1882. Compõe-se de uma parochia:

30) S. Paulo de Olivença, creada em 1759

10—SILVES— Villa por Lei provincial de 21 de Outubro de 1852; installada em 14 de Março de 1853. Compõe-se de duas parochias:

31) N. S. da Conceição de Silves creada em 1759

32) Sant'Anna da Capella creada em. 1880

11—NOVA-DABARREIRINHA— Villa por Lei provincial de 9 de Junho de 1881. Compõe-se de uma parochia:

33) N. S. do Bom Socorro de Andirá creada em 1853

A instrucção secundaria no Chile.

Por decreto de 10 de Janeiro ultimo foi approvedo o seguinte programma para o ensino secundario, no Chile:

Art. 1º — O curso de estudos secundarios durará seis annos e será commum a todos os alumnos dos Lycêos do Estado e para todos os que aspiram grãos universitarios.

Art. 2º — Em todos os estabelecimentos de instrucção secundaria mantidos pelo Estado, se observará o seguinte plano de estudos:

1º anno

Castelhano	5 horas por semana
Historia e geographia	3 » » »
Mathematicas	6 » » »
Sciencias physicas e naturaes	3 » » »
Francez	4 » » »
Religião	2 » » »

—
23 horas semanaes

2º anno

Castelhano	5 horas por semana
Historia e geographia	3 » » »
Mathematicas	6 » » »
Sciencias physicas e naturaes	3 » » »
Francez	4 » » »
Religião	2 » » »

—
23 horas semanaes

3º anno

Castelhano	5 horas por semana
Historia e geographia	3 » » »
Mathematicas	6 » » »
Sciencias physicas e naturaes	3 » » »
Francez	4 » » »
Religião	2 » » »

—
23 horas semanaes

4º anno

Castelhano	5 horas por semana
Historia e geographia	3 » » »
Mathematicas	6 » » »
Sciencias physicas e naturaes	3 » » »
Inglez e allemão	4 » » »
Religião	2 » » »

—
23 horas semanaes

5º anno

Castelhano	5 horas por semana
Historia e geographia	3 » » »
Mathematicas	3 » » »
Sciencias physicas e naturaes	6 » » »
Inglez e allemão	4 » » »
Religião	2 » » »

—
23 horas semanaes

6º anno

Castelhano	3 horas por semana
Logica	3 » » »
Historia e geographia	3 » » »
Mathematicas	6 » » »
Sciencias physicas e naturaes	3 » » »
Inglez e allemão	4 » » »
Religião	2 » » »

—
24 horas semanaes

Art. 3º — Em cada um dos seis annos do curso se destinarão, além disso, tres horas semanaes á gymnastica, á musica vocal e desenho.

Art. 4º — Serão de apprendizado voluntario o latim, o grego e o italiano.

Art. 5º — A geometria analytica, a philosophia e a historia litteraria se ensinarão em seguida na Universidade.

Art. 6º — As condições para serem matriculados no 1º anno serão determinadas em artigos especiaes.

Art. 7º — Os que tiverem sido approvados em latim não necessitam, para obter o grão de bacharel pela faculdade de philosophia e humanidades, prestar exames de inglez nem de allemão.

O Diccionario Grammatical de João Ribeiro

A natureza é confusa e obscura. São os sentidos e a logica que lhe dão nitidez e ordem.

« Todavia a base de coordenação, diz Bourdeau, reside na reunião dos semelhantes e na separação dos dissimilhanes, porquanto, para que se possa chegar ao conhecimento de um conjuncto de cousas, é indispensavel distribui-las em grupos constituídos de tal modo, que cada uma d'ellas se encontre afastada das de que differe e approximada das que se lhe assmelham. »

« Ter-se-ia, accrescenta o mesmo autor, uma visão clarissima do *todo* se fosse possivel determinar exactamente aquillo que as suas parter têm de diverso, e ao mesmo tempo de commum.

Gyrando, portanto, o mundo dos nossos conceitos entre os dous polos da distincção e da assimilação, é manifesto que a comprehensão de qualquer ordem de factos depende antes de tudo do processo de discriminação. Como a confusão resulta da diversidade das cousas, importa dispol-as

por series, tendo-se em conta as suas principaes disparidades. D'este modo o discernimento assume as proporções da faculdade mestra da intelligencia.»

Estas cabaes expressões do philosopho francez explicam-nos perfeitamente a lucidez de certos talentos.

Nem todo o homem de sciencia, ou que se apresenta como tal, dispõe d'essa força inicial de discernir. Muitos individuos ha que adquirem pela diuturnidade do exercicio, ou que nascem com a bossa da generalisação, mas que, por conformação especial do intellecto, nunca chegam a ter um sentimento definido da função do discernimento. São estes seguramente os que mais exercem as suas aptidões em coordenar factos confusos, fugitivos, e que por ultimo, na impossibilidade de tornarem a verdade por assim dizer tangivel, acabam, concentrados em analogias arbitrarías, recorrendo á deducção de typos preestabelecidos.

E' do continuo exercicio d'aquella assignalada faculdade que os positivistas inglezes tiram toda a clareza notada em seus livros de exposição doutrinal. Entre os nossos escriptores actuaes talvez seja João Ribeiro quem se apresente mais intensamente caracterisado por tendencias d'essa ordem. Foi pela clareza que este nosso novel philologo começou a impôr-se aos que estudam n'este paiz; é pelo discernimento que sua obra, embora pouco extensa ainda, vae conquistando, dia a dia, a sympathia e a confiança dos que se não deixam levar pelos simples arroubos de imaginação, ou pela ostentação superflua de theorias mal digeridas e ainda peor applicadas.

Quando em 1884 foram publicados os seus *Estudos philologicos*, uma cousa principalmente me impressionou: foi esse mesmo espirito de simplificação, que Andrew Lang introduziu na sciencia da mythologia comparada, fazendo-a sahir do sarrafaçal, em que os pedantes da escola queriam conservar uma ordem de factos tão simplicaveis como quaesquer outros.

A linguistica no Brazil vae dever em grande parte ao illustrado sergipano esse passo decisivo: não confundir o que é elemental em cada sciencia, e retirar a philologia comparada, e os estudos de grammatica do terreno idéal ou do campo puramente esoterico em que os tinham posto, para tornal-os accessiveis ás intelligencias menos cultas.

A linguistica e a mythologia, por isso mesmo que, para constituirem-se, foram obrigadas a procurar subsidios em todas as sciencias, chegaram a tornar-se um labyrintho tão inextricavel, que difficil nente quem nelle penetrasse conseguia sahir, ou sahia illeso. Quantos não andam ainda hoje perdidos na antropologia, na acustica e n'outras julgando que estas sciencias é que constituem a grammatica?!

João Ribeiro, porém, soube em tempo evitar o escolho, e sem que lhe falte o preparo indispensavel a qualquer trabalho d'essa natureza, buscou o ponto de vista que mais lhe convinha para dar incremento no Brazil aos estudos que formam a sua especialidade. Dispondo de um tacto segurrissimo elle, tem podido conciliar o espirito do que os inglezes chamam *scholar* com uma certa dose de amenidade litteraria ministrada pelas qualidades imaginativas, que possui e são tão proprias para dar impulso ás idéas.

Ninguém como esse philologo, portanto, acha-se em condições tão propicias para emprehender obras de vulgarisação, fazendo baixar até á intelligencia das crianças o que até hoje se julgava inaccessible mesmo para os adultos não familiarisados com essa classe de estudos.

Uma prova do quanto João Ribeiro se distingue pela faculdade de discernir encontra-se logo ao ler-se o primeiro capitulo do seu já referido trabalho, sob a rubrica — *Funcciologia*.

Se se tratasse de uma intelligencia com aptidões de outra especie, o que teria succedido seria o seguinte: Impressionado pelos estados de Breal, Vinsson, Darmesteter e outros; atordado pela suggestão de factos novos, a funciologia tomaria proporções universaes, e absorvendo-lhe todas as forças do espirito, acabaria por converter-se no eixo do pensamento, como succedeu com Pictet a respeito das raizes arianas.

Natureza equilibrada, porém, o autor do *Diccionario grammatical*, distinguindo logo a importancia d'esses factos e limitando a esphera de suas relações, não cahiu no dislate de perder de vista por amor dos mesmos, os grupos já fixados e delimitados.

ARARIPE JUNIOR.

(*Diario de Noticias* de 10 de Fevereiro 89).

Bibliographia Brasileira

ANNO II — 15 DE FEVEREIRO DE 1889 — BOLETIM XIII

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

O CENTRO BIBLIOGRAPHICO VULGARIZADOR

Compra e vende livros raros e preciosos: restos de edições e edições inteiras; bibliothecas particulares e livrarias para liquidar.

Permuta obras estrangeiras e nacionaes, e serve de intermediario para com as livrarias das provincias e do estrangeiro.

Encarrega-se de liquidar por meio de vendas, leilões geraes e parciaes, livrarias bibliothecas e edições. Organizando para isso catalogos e encarregando-se da sua publicação e vulgarisação.

Encarrega-se de publicações por conta dos autores, do governo geral ou provincial: da distribuição pela imprensa nacional e estrangeira, bem como da respectiva venda e propaganda.

A commissão depende da importancia do encargo e dos meios necessarios á sua realisação variando de 20 a 40 %.

Catalogo alphabetico das publicações brasileiras

LIVROS

7 — BARROS BARRETO (Dr. João) Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Estudo hygienico de esgotos da cidade do Rio de Janeiro—These Inaugural approvada com distincção. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—4º com 187 pags. e varias inumes.

8 — BARROS BARRETO (Senador) A via-ferrea transcontinental. Breves considerações—Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889 — 8º com 106 pags. — Sahio anteriormente publicado no *Diario Official* e transcripto no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

9 — CODIGO DE POSTURAS da Camara Municipal da Villa do Rio Bonito—Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—32º com 27 pags.

10 — DECRETO N. 3403 de 24 de Dezembro de 1888—Permitte ás companhias anonyms, que se propuzerem a fazer operações bancarias, emittir, mediante certas condições, bilhetes ao portador e á vista, convertiveis em moeda corrente, e dá outras providencias. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888—8º com 24 pags.

11 — DECRETO N. 10.121 de 15 de Dezembro de 1888—Concede privilegio e garantia de juros para a construcção da estrada de ferro de Macahé á Serra do Frade. Rio de

Janeiro, Imprensa Nacional 1889—8º com 15 pags.

12 — DECRETO N. 10.124 de 15 de Dezembro de 1888—Concede á companhia que José Moreira Barbosa e o engenheiro Eduardo Mendes Limoeiro organizarem diversos favores inclusive garantia de juros para a construcção do trecho da estrada de ferro da Victoria a Santa Cruz do Rio Pardo, comprehendido entre aquella cidade e o ponto do entroncamento com a estrada de ferro de Santa Luzia do Carangola — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—8º com 13 pags.

13 — ESTATUTOS do Banco Mercantil dos Varegistas. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—8º com 11 pags.

14 — ESTATUTOS da companhia de Fiação e Tecelagem União Industrial. Approvados em Assembléa Geral de 5 de Dezembro de 1888. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888—8º com 11 pags.

15 — ESTATUTOS da Sociedade Educadora Mineira. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888—8º com 11 pags.

16 — INSTRUÇÕES para a construcção do açude de Quixadá, a que se refere a portaria de 15 de Dezembro de 1888. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—8º com 8 pags.

17 — LIGA I Opusculo anti-protestante. Offerecido ás Familias Catholicas. « *Venient in novissimis diebus in deceptione illusores,*

juxta proprias concupiscentias ambulantes.
2 Petri 3.— *Hare scripsi vobis de his qui seducant vos.* 1. Joan 2.26 — S. Paulo, Typ. Sallesiana do S. C. de Jesus 1888 — 32º com 48 pags.

18 — MEDEIROS DE ALBUQUERQUE (Dr. Joaquim José de Campos da Costa de) — Comissão Central Brasileira de permutações internacionaes. Relatorio apresentado ao Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, o Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Fernandes da Costa Pereira pelo Presidente da Comissão — Em 31 de Março de 1888 — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888 — 8º com 47 pags.

19 — REGULAMENTOS para concessão de Engenhos centraes destinados as fabricas de assucar de canna approvado pelo Decreto n. 10.100 de 1 de Dezembro de 1888. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888 — 8º com 13 pags.

20 — RELATORIO da Associação de auxilios mutuos da Imprensa Nacional para ser apresentado á assembléa geral de 27 de Janeiro de 1889 pela Adminisração de 1888 — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889 — 8º com 32 pags.

21 — RELATORIO da Imperial associação nacional dos Artistas Brasileiros — Trabalho, União e Moralidade — apresentado em sessão anniversaria de 7 de Setembro de 1888 pelo 1º secretario Manoel Francisco da Trindade. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889 — 8º com 26 pags.

22 — RELATORIO do Conselho Administrativo da Imperial Associação Typographica Fluminense. Apresentado á Assembléa Geral, em 16 de Dezembro de 1888. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888, 8º com 32 pags.

23 — REVISTA DOS CURSOS PRATICOS E THEORICOS da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 5º anno 2º semestre. Comissão Redactora: Drs. Cons. Nuno d'Andrade, Pizarro Gabizzo; José Maria Texeira, Campos da Paz e Gancalves da Silva. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888 — 8º com 115 pags.

24 — REVISTA da Sociedade Commemorativa da Independencia do Imperio. Organizado pelo Dr. Francisco Augusto d'Almeida, vice-presidente da mesma sociedade Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888 — 8º em 63 pags. e uma estampa representando a estatua equestre de D. Pedro I, da praça da Constituição do Rio de Janeiro.

Noticias Bibliographicas

Na vitrine dos Snrs. Alves & C.^a vimos os seguintes livros novos:

Nouveau dictionnaire de la santé par le Dr. Paul Bonani,

Nouveau dictionnaire de chimie par Emile Bouant.

Traité du palper abdominal au point de vue obstétrical par A. Pinard.

Traité d'hystérotomie et d'hystérectomie par la voie vaginale par le Dr. Laurent Secheyron.

Lupus du larynx par le Dr. Marty.

Des arthropathies tabétiques du pied par Pavlidès.

Rapport sur l'épidémie de fièvre typhoïde par le Dr. V. Nivet.

Les synalgies et les synesthésies par Henry de Fromental.

Le développement du fœtus par Dr. La Torre.

Traité de pharmacologie, de thérapeutique et de matière médicale par T. Lauder-Brunton, vol. 1º

Leçons de clinique chirurgicale par M. le Dr. Péan, vol. 6º

Cours de zoologie médicale par M. Louis Roule.

Hygiène de la vue par Galezowski & Kopff.

Premiers principes du microscope et de la technique microscopique par Fabre — Domergues.

Les anomalies de la vision par A. Imbert.

Les parasites de l'homme par R. Moniez.

Guide pratique de petite chirurgie par Michel Gangolphe.

La biologie végétale par Paul Vuillemin.

Hygiène de la beauté par E. Monin.

Traité élémentaire de l'hystérie par G. Thërmes,

Algumas publicações de ALVES & C.

46 E 48 RUA GONÇALVES DIAS 46 E 48

<i>Historia da Grecia e de Roma</i> , por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. br.	2\$000
<i>Grammatica allemã</i> , theórica e pratica, por Emilio Otto, adaptada ao programma do ensino no Brazil, por Adolpho Neumann, 1 vol. .	4\$000
<i>Diccionario grammatical</i> , contendo em resumo todas as materias que se referem ao estudo historico e comparativo da lingua portugueza, compilado por João Ribeiro, 1 vol.	4\$000
<i>Grammatica portugueza</i> , curso superior (3º anno), por João Ribeiro, 2ª edição correcta e augmentada, 1 vol. in-12.	3\$000
<i>Grammatica portugueza elementar</i> , curso médio (2º anno), por João Ribeiro, 1 vol.	2\$000
<i>Grammatica portugueza da infancia</i> , curso primario (1º anno), por João Ribeiro.	1\$000
<i>Principios de composição</i> (Descripções, narrações, cartas, etc.), por Guilherme do Prado, 1 vol.	1\$500
<i>Analyse logica e noções de Syntaxe e Rhetorica</i> , por G. Ch. Raoux Briggs, 1 vol.	1\$500
<i>Curso de Geographia Geral</i> , etc., pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol. . . .	3\$000
<i>Guia Pedagogica de calculo mental</i> e uso do contador mecanico ou arithmometro no ensino elementar da arithmetica, traducção e adaptação ás nossas escolas, por Alambary Luz, 1 vol.	2\$000
<i>Tratado de Methodologia</i> , por Felisberto de Carvalho, 1 vol.	2\$000
<i>Arithmetica da infancia e metrologia</i> , por Monsenhor C. Couturier, Bacharel em Sciencias e em Lettras, Professor de Mathematicas, 3ª edição, 1888, 1 vol. in-32 cartonado.	\$400
<i>Elementos de grammatica franceza</i> , por Lhomond, traduzida em portuguez, novissima edição correcta e melhorada, 1 vol. in-32.	1\$000
<i>Arithmetica das escolas primarias</i> , organisação de accôrdo com os relativos preceitos pedagogicos, por Felisberto R. P. de Carvalho, 1 vol. cart. .	\$800
<i>Geographia—atlas</i> , contendo oito mappas, seguida d'um ligeiro esboco chronologico da Historia do Brazil e de poucas noções de cosmographia, por Monsenhor C. Couturier, 1 vol.	1\$000
<i>Cathecismo da Doutrina Christã</i> , aprovado pelo Illm. e Exm. Sr. D. Pedro Maria de Lacerda, por Monsenhor C. Couturier, 1 vol. cart. . . .	\$500
<i>Compendio da Historia Sagrada</i> , dedicado á infancia brasileira, ornado com 108 estampas e 6 mappas, por Monsenhor C. Couturier, 1 vol. .	\$800
<i>Diurnal da mocidade christã</i> , dedicado aos filhos e filhas da Terra de Santa Cruz, por Monsenhor C. Couturier, 1 vol.	2\$000
<i>Historia Antiga do Oriente</i> , por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. br. . .	1\$500

Rio de Janeiro, 14 de Fevereiro de 1889.

Livraria Classica
DE
ALVES & COMP.
Rua Gonçalves Dias 48
Endereço telegraphico
CLASSICA

Illm. Sr ,

*Temos a satisfação de communicar a V. S. que temos nos
prélos, e sahirão á luz no mez corrente, as seguintes obras:*

- a) NOÇÕES DE HISTORIA UNIVERSAL, por João Maria
da Gama Berquó, professor substituto de
Historia e Geographia no Imperial Collegio
D. Pedro II, 1 vol.*
- b) GEOGRAPHIA GERAL DO BRAZIL, por A. W.
Sellin, traduzida e consideravelmente aug-
mentada por J. Capistrano de Abreu, 1 vol.*
- c) ELEMENTOS DE ARITHMETICA pelo Dr. João J.
Luiç Vianna, 3ª edição, 1 vol.*
- d) RUDIMENTOS DE HISTORIA UNIVERSAL, traducção
de D. Maria E. Leal, 1 vol.*
- e) O BRAZIL EM 1889 — GEOGRAPHIA DO BRAZIL,
pelo Dr. Moreira Pinto 3ª edição, consideravelmente
melhorada 1 vol.*
- f) NOÇÕES DE HISTORIA UNIVERSAL, pelo Dr.
Moreira Pinto, 2ª edição muito melho-
rada, 1 vol.*

*Em todos estes livros fazemos vantajosos abatimentos aos col-
legios, seminarios e livrarias.*

*Pedimos, pois, a V. S. o favor de nos dirigir os pedidos
d'estes novos livros.*

*Chamamos a attenção de V. S. para o annuncio que se acha
no verso desta circular.*

Queira acceitar os protestos de estima e consideração dos

De V. S.

Att.ºs Ven.ºs e Obr.ºs

Alves & Comp.